

b) Sorokin não se preocupa com a teoria marxista das Ideologias: nem a trata *ex professo*, nem dela parte para a sua própria construção. Assim, o uso que faz da expressão «ideologia» em nada depende do Marxismo: *ideologia* é o elemento mais espiritual da cultura, e tanto se pode referir à colectividade como ao indivíduo⁹³.

É fácil concluir que, formalmente, Sorokin se aproxima mais de Lenine que de Mannheim, e seria, em princípio, mais razoável considerá-lo dentro do processo elaborativo do conceito de ideologia. Penso, porém, que os trabalhos de Karl Mannheim marcam definitivamente o início da fase reflexiva da teoria ideologista. É, aliás, conscientemente que Sorokin entra no âmbito assim definido por Mannheim, uma vez que discute a teoria deste⁹⁴.

giosa e artística (A. R. [*Society, Culture and Personality*] 428)» (Maquet, *op. cit.*, pág. 254 n. 2). Seria interessante aproximar Sorokin de Fustel de Coulanges, a cuja explicação da História Étienne Gilson chamou Espiritualismo Histórico (in *Les métamorphoses de la Cité de Dieu*).

⁹³ «A cultura ideológica é o conjunto das significações, valores e normas de um indivíduo ou de um grupo. Notemos que o termo «ideologia» significa simplesmente o aspecto mais espiritual da cultura. Não tem de modo nenhum o sentido especial que lhe foi dado por Marx e por Mannheim (...).» (Maquet, *op. cit.*, pág. 157 n. 40). Também outros pensadores (A. Coste, L. Weber, etc.) falam de *cultura ideológica* (v. Maquet, *op. cit.*, pág. 160).

⁹⁴ Cf. Maquet, *op. cit.* pág. 248.

III

Tentativa de Fixação do Conceito de Ideologia

1. Revisão das posições analisadas

Ao longo deste estudo, fomos encontrando a palavra *ideologia* usada em sentidos manifestamente diversos. A uma só palavra correspondem múltiplos conceitos.

Recapitulando, temos:

- a) Ciência das ideias (Destutt de Tracy);
- b) mentalidade que condena determinada realidade histórica em nome de princípios irrealizáveis (Napoleão);
- c) pensamento adequado ao interesse da burguesia (Marx-Engels);
- d) concepção social ultrapassada pela História (Marx-Engels);
- e) sistema filosófico — ou tendências gerais de um conjunto de sistemas filosóficos — (Marx; Sorel; Lenine);
- f) doutrina, corpo de princípios orientadores da acção (Sorel; Lenine; M. Scheler);
- g) expressão intelectual (superestrutura) da condição de classe (Lenine; Mannheim; M. Scheler (?));
- h) estrutura do pensamento, forma *a priori* (*a priori* em relação ao indivíduo) de origem predominantemente económico-social (Mannheim);
- i) o aspecto mais espiritual de uma cultura (Sorokin);
- j) preconceitos (no sentido etimológico) que acompanham necessariamente os primeiros passos da análise científica.

e vão sendo substituídos por outros à medida que o conhecimento progride (Schumpeter);

- k) predisposição de origem temperamental para determinado tipo de cultura (Schumpeter);
- l) parcialidade (Mannheim; Schumpeter);
- m) concepção que se converte em credo de natureza social, mediante o amor ou o ódio (Schumpeter);
- n) ideia-força de um Futuro não tradicional (Aron).

2. Ensaio de crítica das posições analisadas

Deante deste panorama, será talvez útil formular algumas interrogações:

- 1.^a — terão todos estes conceitos a mesma validade?
- 2.^a — em que medida serão eles redutíveis?

Com o primeiro problema não se pretende pôr em causa a validade intrínseca dos conceitos (uma vez que, não contendo nenhum deles elementos contraditórios, todos têm de se aceitar como tal); pretende-se, sim, apreciar o nexos que prende cada um desses conceitos à ideia inicial de *ideologia* tomada como *dado* que cada um deles procura definir; ou seja: pretende-se pôr um problema em relação a esses conceitos entendidos como definições de *ideologia*.

Nem todos aqueles conceitos, porém, podem ser sujeitos a esta prova. Logo o primeiro se recusa legitimamente a sofrê-la, porque não é propriamente uma definição: a palavra *ideologia* não lhe aparece como um dado que ele procure conhecer, mas é apenas um nome convencionalmente atribuído a uma ideia. O problema só se pode pôr quando, partindo já da vaga noção do significado de uma palavra, se trata de tornar claro e distinto, e adequado, o conhecimento desse significado. Que vem a ser um boi? Quando o zoólogo o define, já parte de uma noção atamancada (permita-se-me a expressão) mediante muitas sensações e percepções. Uma experiência prévia, informe e assistemática, é que vai

permitir a análise e a classificação. E em boa parte o que assim define um ser não é tanto o que lhe pertence como o que, não sendo dele, em torno o desenha no mundo dos seres. Quero dizer: o nosso problema só se pode formular quando o conceito a analisar já responde à pergunta — *que é uma ideologia?* —, e não quando responde com a palavra «ideologia» a esta outra interrogação bem diferente — *como chamaremos a isto?* —.

Se Destutt de Tracy chamou «Ideologia» à ciência das ideias, estava no seu direito — tanto mais que, por outro lado, o étimo da palavra lhe dava fundamento à escolha; mas tratava-se essencialmente de uma escolha; e há um abismo entre a eleição de uma palavra para um conceito já mentalmente bem delimitado, e a exploração e captação de uma palavra enquanto portadora de um conceito ainda mal definido.

O caso da alínea *b* é também um caso especial, e pode ser reduzido a isto: assim como os cultores da *ciência das ideias* se dedicam a um objecto distante das coisas reais, assim se mantêm alheios e até avessos à realidade os que criticam uma política a partir de princípios abstractos. Trata-se, pois, da atribuição (com seu quê de caricatural) de uma qualidade conhecida, e ligada a um termo dado, a uma categoria de pessoas. O interesse deste momento da história da palavra não lhe é intrínseco; antes, provém da função que veio a desempenhar: foi efectivamente através dele que a «ideologia» (1) tomou um colorido político; (2) passou a ser objecto de oposição.

Para Marx e Engels, a ideologia é, antes de tudo, um dado — e, como dado, coincide, pode-se dizer, com a Filosofia idealista; mas é depois, e muito mais significativamente, o nome que atribuem a um conceito muito próprio deles — o conceito de superestrutura intelectual de uma situação económico-social prestes a extinguir-se; alguma coisa como o extremo requinte e o último e já falso brilho de uma civilização que desaparece. Há portanto aqui (1) a interpretação da ideologia como dado; (2) com essa interpretação, a fixação da ideologia como um fenómeno de natureza social.

É manifestamente discutível o fundamento da interpretação marxista. A legitimidade, porém, desta elaboração mental tem por esteio o próprio facto de se tratar de uma elaboração. A posição

marxista participa das duas interrogações que há pouco considerámos: — *que é uma ideologia?* — e — *como chamaremos a isto?* —; e com predomínio da segunda. Dificilmente, pois, se poderia justificar que sujeitássemos a teoria marxista da ideologia ao género de prova que quisemos ensaiar.

O mesmo se dirá, aliás, embora com atenuada intensidade, dos restantes momentos da fase elaborativa da história da «ideologia» — exactamente por ser elaborativa.

3. Tentativa de redução de todos os conceitos analisados a uma ideia nuclear

É em relação à segunda fase dessa história que tem razão de ser a problemática que atrás se enunciou: validade e irreduzibilidade dos conceitos de ideologia. Isto, na medida em que os autores, longe de pretenderem *criar a ideia* da ideologia, o que quisessem foi *teorizar a ideia já recebida*. Estão neste caso, — em ordem decrescente de intensidade —, Mannheim, Schumpeter e Raymond Aron.

Karl Mannheim (se me é lícito pronunciar-me, com o incompleto conhecimento que tenho da sua obra) parece desconhecer ou desprezar o contributo de Sorel e sobretudo o decisivo contributo de Lenine para a fixação do conceito ambivalente ou bipolar de ideologia. Quer dizer: a profunda reflexão crítica a que submete a ideia de ideologia está em parte prejudicada. Quando Mannheim observa: «o pensamento socialista (...) nunca pôs o problema do determinismo a respeito da sua própria posição. Nunca aplicou a si mesmo o seu próprio método, nem refreou o desejo de ser absoluto»⁹⁵, já Lenine tinha falado e tornado a falar da *ideologia socialista* e tinha vinculado essa ideologia a uma origem paralela à da ideologia burguesa⁹⁶. É no entanto com razão que Mannheim

⁹⁵ *Op. cit.*, pág. 219.

⁹⁶ Veja-se, especialmente, *Que Fazer?*, págs. 136-7 da referida ed. de Moscovo; trecho reproduzido no *Anexo I*, n.º 4.

acusa em globo o Socialismo de se apresentar como um absoluto, já que o próprio Lenine, não menos que Marx e Engels — até mais, porventura, como atrás se observou — dogmatiza⁹⁷. Mas a interpretação manheimiana da ideologia ressent-se naturalmente desta ignorância (ou algo equivalente à ignorância) da posição de Lenine. Se, em vez de partir pura e simplesmente da concepção de Marx e Engels, Mannheim tivesse partido da concepção leniniana da ideologia, já provavelmente não seria tão grande, na sua teoria, o lugar atribuído ao Inconsciente. Tão largo papel assim entregue ao Inconsciente compreende-se bem num comentador de Marx e Engels⁹⁸; já não se ajustaria tão facilmente a um comentador de Lenine: porque, em Lenine, a consciência da relação da ideologia socialista com uma situação económico-social coexiste com aquele sentimento — e até consciência — de *absoluto* a que justificadamente se refere Mannheim. Interpretar esta coexistência seria, julgo eu, tarefa indispensável para quem se coloca no ponto de vista em que se colocou Mannheim.

Por outro lado, e embora aqui se possa encontrar alguma contradição, também de Lenine poderia Mannheim ter recebido ao menos a sugestão de uma teoria não económica da ideologia⁹⁹, o que o teria libertado da estreiteza de visão que a crítica certeira de Maquet lhe censura¹⁰⁰, e é nele um vestígio de Marx.

Na medida, porém, em que visa o pensamento de Marx, parece perfeitamente válida a construção manheimiana. Se em muito depende (como a seu tempo se observou), do desenvolvimento entretanto alcançado pelas ciências psicológicas, o recurso

⁹⁷ Tome-se, por especialmente apropriado a este momento, o seguinte trecho: «Marx e Engels, que eram, em Filosofia, desde o princípio até ao fim, homens de partido, souberam descobrir os desvios em relação ao Materialismo e as condescendências para com o Idealismo e o Fideísmo em todas e cada uma das «novíssimas» orientações». (Lenine, *Materialismo e Empirio-crítico*, pág. 240 da cit. antol.).

⁹⁸ «O facto de que as condições de existência material dos homens em cujo cérebro se produz o processo ideológico determinam, em última análise, o curso desse processo, esse facto permanece inteiramente ignorado deles; se assim não fora, toda a ideologia acabaria». (Engels, *Ludwig Feuerbach*, apud Lalande, *Vocabulaire* cit., pág. 459 da 7.ª ed.).

⁹⁹ V. o texto no *Anexo I*, n.º 2.

¹⁰⁰ V. o texto no *Anexo II*, n.º 2 e n. 20.

a essas ciências é exactamente o adequado à interpretação e teorização do conceito puramente marxista de ideologia.

Em Schumpeter, é manifesta a influência da sua formação e actividade mental. Aproveitando o caminho traçado por Mannheim, Schumpeter acentua principalmente a relação da ideologia com a análise científica. Embora o tema da ideologia lhe ocorra muita vez nas suas páginas, quando o trata *ex professo* é exactamente confrontando-o com a Ciência. Daqui resulta que o conceito da alínea *j* está demasiado preso à Metodologia científica. (Acrésc. conforme no lugar próprio se notou, que a relação entre *ideologia* e *visão* está longe de ser clara, e assim fica prejudicada a própria noção da ideologia dentro da Metodologia das ciências).

Porque não desconhece que há um fenómeno social oculto na palavra ideologia, Schumpeter (no que também, aliás, pode ter seguido Mannheim) refere-se-lhe como vai lembrado na nossa alínea *m*. Mas é como se não houvesse nenhum traço de união entre os dois conceitos de *ideologia*; é como se, para Schumpeter, duas ideologias diferentes habitassem dois mundos diferentes.

É no entanto possível estabelecer contacto entre esses dois mundos sem sair do pensamento de Schumpeter, utilizando como ponte o conceito da alínea *l*: a disposição mental de parcialidade, tão próxima da «rationalization», e que é talvez legítimo encarar, por um lado, como uma faceta da visão, e, por outro, como modalidade do *amor* capaz de converter em credo social uma concepção da inteligência: Esta ligação, porém, não foi feita, que eu saiba, por Schumpeter.

Quase no pólo oposto da atitude predominante em Schumpeter, a atitude de Raymond Aron é a de um intelectual empenhado na compreensão da vida política. *Ideologia* é, para ele, essencialmente um fenómeno social, uma força política; e nem mesmo o que nela é *ideia* se ajusta à função da inteligência; não entende: *prescreve*. Esta concepção corresponde antes de tudo à nossa alínea *f*; quer dizer: depende do tratamento que à concepção marxista primitiva deram Sorel e Lenine, e através da qual a ideologia se tornou ambivalente; e ajusta-se a toda a longa corrente que situa a ideologia no terreno social.

Temos pois diante de nós, fundamentalmente, duas concepções: uma, que faz, ou tende a fazer, da ideologia, um quadro mental, uma sub-estrutura da consciência, mas sub-estrutura variável; outra, que faz, ou tende a fazer, da ideologia um fenómeno socio-cultural.

Podemos também considerar estas concepções divididas em dois grupos: o daquelas que têm a ideologia como elemento consciente e o daquelas que a consideram como elemento inconsciente. Ou: para uns autores, a *ideologia* é pensamento; para outros, é forma em que se vasa o pensamento. Uns relacionam-na fundamentalmente com o *conhecer*; os outros com o *agir*.

Note-se que aqueles que a relacionam com o *agir* são justamente os que a consideram como pensamento, como fenómeno consciente; e aqueles que a relacionam com o *conhecer* são precisamente os que a tomam como elemento inconsciente. Para os primeiros, a ideologia está no campo da consciência, mas mais como fenómeno *afectivo* e *activo* do que como fenómeno *cognitivo* (para aproveitarmos a classificação habitual em Psicologia). Para os últimos, a ideologia, subjacendo à consciência¹⁰¹, prepara, condiciona e modela muito do *cognitivo*.

Para uns e para outros, a ideologia, enquanto ideologia, escapa em certa medida à inteligência. É mais *vital* que *intelectual*. É uma visão do mundo regida pela vontade, ou por forças irracionais: de qualquer modo, por um princípio activo.

Entre todas as concepções que se nos apresentam, uma só — a de Sorokin — usa a palavra *ideologia* em sentido francamente favorável. Como atrás se notou, o uso que ele faz da palavra «ideologia» em nada depende do Marxismo. Acrescente-se que, praticamente, em nada depende de nenhuma outra corrente de pensamento. É uma atitude puramente sorokiniana. O seu conceito de ideologia só por acaso se poderá relacionar com a longa cadeia de conceitos que temos vindo a considerar.

¹⁰¹ Recorde-se que, para esta corrente, nem tudo na ideologia é inconsciente, mas é, pelo menos, irracional. Usa-se pois, aqui, a palavra «inconsciente» num sentido não puramente psicológico.

Estes conceitos estão historicamente ligados uns aos outros, e, apesar de toda a diversidade que estadeiam, um mesmo fio interior os vai guiando. Esse fio interior é porventura a tradução em termos intelectuais de uma atitude psicológica que, de Napoleão a Raymond Aron, traz implícito um juízo de valor de sinal negativo.

Dir-se-ia que pelo menos Lenine quebrou esse fio, ao tornar simétrica a noção de ideologia. Penso porém que a posição de Lenine só pode ser inteiramente compreendida se se atender a estes dois elementos: 1) para ele, não há verdade abstracta; toda a verdade é concreta ¹⁰²; 2) a ideologia é um instrumento de combate; se do lado «socialista» é necessária uma ideologia, é para que a resposta à ideologia adversa seja uma resposta adequada.

Assim, portanto, mesmo para Lenine e os que tomam a posição de Lenine, parece em certa medida válido o que se afirmou ¹⁰³.

¹⁰² «O princípio fundamental da dialéctica é: não há verdade abstracta; a verdade é sempre concreta». (Lenine, *Um Passo para a frente, dois passos para trás*, ed. de Moscovo, cit., pág. 143).

¹⁰³ *Apenas em certa medida*. Efectivamente, além de motivos óbvios, há a considerar que a Lenine não interessa, do mesmo modo que interessa ao pensamento tradicional e ao pensamento clássico, o problema da verdade. Quer dizer: se, na nossa boca, a proposição «isto não é verdade» inclui sempre um elemento pejorativo, na boca de um marxista nem sempre isso acontece. *Mas realmente em certa medida*. Desde logo, porque há ideologias más. Em seguida, porque, na medida em que é um sistema, a própria ideologia socialista está sujeita à censura dos factos (cf., sobretudo: Lenine, *A Guerra de Guerrilhas*, ed. cit., pág. 169; *Acerca de algumas particularidades do desenvolvimento histórico do Marxismo*, *ibid.*, pág. 270-1, e *Cartas sobre táctica*, I.^a, *ibid.*, pág. 348). Em terceiro lugar, porque parece haver em Lenine o sentimento, senão a convicção, de que, na sociedade perfeita (na sociedade sem classes), não haverá lugar para nenhuma ideologia (cf., especialmente: *Que Fazer?* *ibid.*, págs. 136-7, e *O Estado e a Revolução*, *ibid.*, pág. 363). Finalmente, porque, por mais radical que seja a revolução operada pelo Marxismo no campo do Pensamento, e até da Lógica, nem sempre os marxistas se conseguem desprender dos hábitos mentais do comum das gentes. Nesta perspectiva, tenha-se em atenção o seguinte trecho de Lenine: «A luta contra a religião não deve limitar-se à prédica ideológica abstracta, nem reduzir-se a esta prédica; é necessário pôr essa luta em relação com a prática concreta do movimento de classes, tendente a eliminar as raízes sociais da religião». (*Posição do Partido Operário em face da Religião*, ed. cit., pág. 252).

4. Formulação de nova problemática

O estudo que até aqui se fez basta para dar à Teoria das Ideologias uma dupla situação: na Teoria do Conhecimento, e no círculo das Ciências Sociais. Em larga medida, ou em grande número de casos, essa dupla situação reduz-se a uma só: cai no âmbito da *Sociologia do Conhecimento*, disciplina que participa, como é óbvio, das Ciências Sociais e da Teoria do Conhecimento.

É este o caso da Teoria das Ideologias de Karl Mannheim. Não é o caso de Schumpeter; do qual se pode dizer, como já se observou, que tem, de certo modo, duas teorias das ideologias: uma correspondente à Teoria do Conhecimento; a outra, correspondente às Ciências Sociais.

A mesma diversidade que temos analisado convida a formular uma nova série de questões:

- a) qual a raiz dessa diversidade? social? cultural? puramente metodológica?
- b) quais os elementos ou caracteres comuns, e quais os específicos?
- c) será possível construir uma Teoria única da ideologia?

Seja qual for o interesse destes problemas (que constituem boa parte da temática tratada por Maquet) fique desde já esclarecido que, nas páginas que se vão seguir, não é disso que nos ocuparemos.